

A conferência de Masud Khan no 25.º Aniversário do ISPA

JOÃO CARLOS PINTO TRINCÃO (*)

A conferência que Masud Khan quis pronunciar aquando das celebrações do 25.º aniversário do ISPA parece merecedora de mais comentários, em especial técnicos, do que aqueles que foram proferidos na altura da sua apresentação e na nota que acompanhava a sua publicação. Para isso retomemos o sonho de Véronique: «Sonhei que estava a conversar alegremente com uns convidados quando vi a mãe sentada numa cadeira, bastante mais forte do que é na realidade e chorando. Senti-me muito preocupada e comecei a dirigir-me para ela, quando acordei».

Tenhamos, também, presentes quer as interpretações de Winnicott, quer a de Khan. E vejamos o que eu próprio penso desse sonho e porque o penso. No entanto, tenhamos presente um aspecto: em regra quem está perto do doente, quem o acompanha, é que tem razão na interpretação que formula daquilo que lhe é dado observar. Assim, é para mim válida a interpretação de Winnicott, sendo que a minha opinião mais não será que um exercício de teorização.

Pouco nos é dito sobre Véronique. Khan, ao referir o seu almoço conjunto com Véronique e o Papá, diz-nos que se «via que não era a primeira vez que os dois cúmplices recebiam na ausência de Sua Senhoria».

Tomemos, agora, dois aspectos referentes à

vida onírica. Em primeiro lugar, a emergência no psiquismo, através de símbolos, da energia que à mente é fornecida pelo abstracto orgânico e vinda dos instintos. Ou seja, a energia psíquica que não é nem fixa, nem inata, antes é constantemente gerada pelo abstracto orgânico, no qual se apoia, e sem o qual não se saiba que exista, a vida psíquica. Essa energia para se transformar de física em psíquica, tem de o fazer ligando-se a símbolos, sendo que o sonho é uma das formas de efectuar essa ligação-transformação.

O facto de Véronique e o Papá terem, por mais de uma vez, recebido e obsequiado convidados na ausência de Sua Senhoria, não significa que Véronique tivesse tido consciência de que, mais tarde e pela lei natural, viesse a substituir definitivamente Sua Senhoria nessas funções de anfitriã. Daí que, deste ponto de vista interpretativo do sonho, haja razão para ter sonhado algo que poderia deduzir quando estivesse acordada.

Por outro lado, no sonho, quando Véronique se dirige à mãe, acorda. Ora, uma das funções do sonho é de guardião do sono, o qual é fundamental para o repouso físico. Assim, o sono só é interrompido, do ponto de vista do sonho, quando as pulsões — as representações mentais dos instintos — vindas do Id são demasiado intensas e detestáveis pelo Super Ego, de tal forma que a luta que se trava entre ambos atinge tal intensidade que o Ego tem de ser chamado a aplicar o princípio da realidade,

(*) Médico. Sócio da Sociedade Portuguesa de Psicanálise. Docente no ISPA.

razão pela qual o sonhador acorda. Vemos aqui que Winnicott dá grande importância ao medo que o Ego de Véronique sente perante o ódio de Sua Senhora. E, com efeito, nenhuma criança conseguirá sobreviver, na tenra infância, ao ódio da progenitora, pelo que sendo uma das características do inconsciente a intemporalidade, tais sentimentos de medo de aniquilação provoca uma dor psíquica extrema, quer se seja pré-adolescente ou senescente.

Podemos, também, considerar que Véronique não era ainda suficientemente forte para poder pensar na morte de Sua Senhora. Por outras palavras: estando a pulsão, neste caso de agressividade contra a mãe, muito próxima do consciente, não há espaço para a elaboração psíquica da mesma, razão pela qual o envelhecimento e senescência de Sua Senhora, processos naturais e irreversíveis, surjam como resultante do desejo de Véronique em ocupar o lugar da mãe e não como algo que, infalivelmente, pela lei natural, teria de acontecer. Então, há aqui, também, motivo para a sonhadora acordar.

No primeiro caso podemos imaginar um diálogo entre mãe e filha de conteúdo próximo deste «Como te odeio minha filha; morre!», e, no segundo «Como o meu ódio já te destruiu mãe! Morre de vez!».

Em ambos os casos, as instâncias inconscientes — as únicas funcionantes durante o sonho — opunham-se tão fortemente entre si que mais não restava ao Ego da sonhadora que acordar para evitar maiores destruições — pois que ele seria o campo de batalha onde essas instâncias se iriam confrontar.

Considerando que este sonho teve lugar antes do «afogamento», reforçamos ambas as interpretações: do lado de Winnicott, dada a simbologia da água à mãe, o perecer afogada seria a destruição, o regresso ao não ser, à morte, no símbolo materno; do lado de Khan, o afogamento seria como que a sua continuação e o preço que Véronique se impunha para ter direito à vida, tal como ela se lhe oferecia. Mas podemos também considerar este incidente como o castigo com que inconscientemente Véronique se punia por ter vislumbrado a morte da mãe e a conseqüente possibilidade de a vir a substituir.

Temos, pois, três interpretações possíveis

perante um mesmo sonho, uma mesma história clínica e um mesmo acontecimento. E, possivelmente, mais interpretações poderíamos ter sobre esta matéria, embora no final todas elas se pudessem resumir aos instintos básicos.

Perante três hipóteses possíveis sobre uma mesma situação, podemos-nos interrogar sobre a cientificidade da Psicanálise e o seu interesse como meio de investigação da vida psíquica dos humanos.

Para vermos aquilo a que se refere a Psicanálise, tomemos o exemplo de uma ciência exacta, como, por exemplo, a Física. Nenhum de nós duvida que Bohr, ou Ruthenford, foram dos maiores físicos de sempre e experimentaram muitas das suas teorias, mas creio que não será ousado afirmar que nenhum de nós leu os seus trabalhos, ao estudar Física nuclear. De igual modo, nenhum de nós põe em dúvida que os conhecimentos de Física de um aluno do 12.º ano sejam bem superiores aos de Newton. E não se duvida que os médicos se tenham formado sem ler os trabalhos de Galeno, ou de Virchow e sabendo muito mais que qualquer um destes investigadores. Como é isto possível?

Porque há duas culturas, uma das quais uma procura, com êxito, de consensos, que se obtêm pela limitação do conteúdo das experiências que a mente teria de metabolizar; e, ao abstrair certos passos dessas experiências, foi possível chegar a níveis de consenso e, a partir daí e prosseguindo no mesmo processo, incorporar no edifício, pedra após pedra, o que foi sendo descoberto e de comum acordo aceite. A esta cultura chamamos ciência e nela as investigações do passado são incorporadas no presente, tal como a carga genética dos nossos antepassados nos é transmitida e por nós incorporada.

Mas há outra cultura, aquela a que chamamos de humanística, que tem uma relação muito diferente com o seu passado. Tomemos o caso das obras de Luís de Camões e de Cervantes: quem quiser ter essa cultura humanística tem, forçosamente, que ler a obra desses autores, pois que eles não são objecto de um consenso, ou de uma mente colectiva.

Por outras palavras, se um aluno de Matemáticas do 12.º ano sabe mais Física e mais Matemática que Pedro Nunes, nenhum homem vivo pode compreender melhor a experiência camoniana que o próprio Camões, ou a

experiência de Cervantes que o próprio. Essa uma das razões porque não podemos deixar de ler Freud. É que, independentemente dos progressos clínicos e teóricos feitos desde a sua obra, nunca haverá a possibilidade de substituir a leitura dessa obra, porque aqui Freud está no mesmo plano de Camões ou de Cervantes. E, no entanto, temos de ter presente que toda a investigação feita desde a sua morte, muda de facto a leitura da sua obra, que só pode ser lida com criatividade se o for no enquadramento da investigação hodierna. E aquilo que digo de Freud pode ser dito de Karl Abraham, Sandor Ferenczi, Adler, Melanie Klein, Balint, Winnicott, Bion, etc., etc..

Temos, ainda, que considerar outro aspecto. Não podemos tomar, nunca, nenhum caso clínico como um relato factual daquilo que efectivamente se passou. E porquê? Em primeiro lugar, porque surgem distorções involuntárias, facto tão bem demonstrado pela própria psicanálise — recordemos os actos falhados — que seria estultícia pensar que estava arredia das descrições psicanalíticas, onde se incrusta vinda das nossas próprias limitações.

Depois, porque os relatos são sempre feitos de memória, que é essencialmente repositório de factos sensitivos. Ora, nós sabemos que a ansiedade não tem cor, sabor, odor. Daí que aquilo que recolhemos na nossa percepção do que é sensível, se torne psicanaliticamente irrelevante. Pelo que a memória que nos permite elaborar o relato, deve ser tratada apenas como uma composição pictórica de uma experiência emocional — na definição de Bion.

Então vamos obviar a estes defeitos, recorrendo às técnicas que os eliminem: vamos gravar as sessões, em fita ou em vídeo. E isso foi feito, sem que fosse, no entanto, possível colmatar a distorção inerente à comunicação a terceiros do trabalho analítico. E isso porque não existe nenhum meio que seja susceptível de mostrar, a par e passo, o banco de dados pessoal, formado quer da experiência clínica, quer da conceptualização, a que cada analista recorre antes de formular uma interpretação, ou qualquer tipo de intervenção, qualquer que seja a forma por ela assumida. Daí que a Psicanálise tenha lugar no campo da cultura humanística, embora Freud lhe proporcionasse aquilo que antes aquela nunca tivera, a saber, o laboratório.

Laboratório esse que é a situação analítica, uma situação humana única em que uma pessoa pode estudar o significado e as realidades experimentais da sua vida através da relação com outro, sem que seja manipulado nos seus valores e no seu eu verdadeiro.

A esta luz podemos-nos perguntar sobre o que se passou nas díades, tríades e tetradas que ocorreram neste caso (Véronique-Khan; Véronique-Winnicott; Khan-Winnicott-Véronique). Sua Senhoria consultava Winnicott; Véronique consultava Winnicott, que lhe propunha um amigo confidente, Khan; O Papá falava com Winnicott e Khan e certamente com Sua Senhoria e Véronique.

Direi que isto se passou assim porque o homem próximo da situação o entendeu necessário e benéfico para os resultados terapêuticos que pretendia obter, os quais, certamente, tinham como primeiro motivo o bem estar das pessoas. Aqui recordo o que atrás se implicou, ou seja, que cada analista recorre a um banco de dados pessoal. Daí que Lacan pudesse ser analista à sua maneira e, posteriormente, viesse a negar que tivesse, ou pudesse ter, uma escola, já que ninguém mais poderia ter o seu estilo clínico. É essa individualidade que permite a DW. efectuar uma «manobra de diversão» Khan, que terá, como claramente explícita, efeitos de sedução sobre Véronique, afastando-a do Papá. E Khan é particularmente indicado para esse papel: é príncipe, monta bem a cavalo, até joga polo, lê muito, incluindo Simone de Beauvoir e move-se no *jet set* dos fins de semana em Paris, Génève e Barcelona, para não esquecer o requinte do champagne ao fim da manhã.

Sendo a puberdade um momento do reavivar do desenvolvimento infantil para posterior re-arranjo das experiências vividas então, arranjo esse que assume carácter definitivo, temos aqui que o Édipo levaria Véronique a querer atrair o pai e a conservá-lo só para si. É por isso «natural» que o «afogamento» de Véronique se inscreva numa situação deste tipo, ver até onde o pai gostava dela, e os resultados foram-lhe favoráveis, tanto mais que o Papá ia desmaiando. Podemos ver algo de sexual quer no desmaio do pai, quer no afogamento da filha, como que climaxes ejaculatório e orgástico, até com manifestações físicas

semelhantes a estes estados de excitação sexual.

Assim, entende-se melhor a fúria de Sua Senhoria, como melhor se entende a recusa alimentar — anoréxica — de Véronique, já que o seio materno estava envenenado e lhe seria fatal — recusa da introjecção do mau seio.

E é essa fúria de Sua Senhoria perante o entendimento amoroso daqueles dois, que a leva inconscientemente a castrar ambos com uma gravidez, apoderando-se do pénis do marido e reduzindo Véronique à condição de filha.

O fim do relato que nos é feito não nos permite conhecer melhor o Ego aparentemente frágil de Sua Senhoria, incapaz de aguentar a agressividade competitiva da filha adolescente, que desmascarava os histriónicos «impedimentos» e «doenças» da mãe. Mas Véronique não desistira, por amor da mãe, à sua relação privilegiada a nível edípiano com o pai, antes tendo feito uma desistência por medo.

Devemos, agora, pensar em termos da posição do analista perante estes pacientes. Creio que não é ainda suficientemente divulgada a obra de John Klauber, um britânico sem filiação freudiana ou kleiniana na Sociedade Britânica de Psicanálise, antes um dos «middle of the road» que tem alguns textos sobre a contra-atitude do psicanalista, que se me afiguram tão importantes como os de Racke ou Paula Heineman.

Prefiro esta designação à de contra-transferência, por definição inconsciente e só encontrada na revisão do caso, ou das sessões, enquanto a contra-atitude será mais a posição do analista perante a aliança de trabalho que desenvolve com o cliente. Creio que a única obra escrita sob a forma de livro, «Difficulties on the analytic encounter», daquele autor já deveria ter sido um pouco mais divulgada entre nós.

Um dos objectivos de Klauber foi o de ultrapassar as dificuldades atrás referidas quanto à fidedignidade dos relatos das sessões de terapia. Assim, aquele autor recomenda que, em cada sessão, se considere o movimento transferencial presente, a ansiedade manifestada e a defesa utilizada. Será tarefa de terapeuta descobrir o desejo essencial que está actuante. Estas recomendações não excluem que a situação actual de uma terapia tenha de ser também vista em função de toda a história do doente e do movimento da análise, ou sejam, as experiências subjacentes àquela sessão e que representam um factor essencialmente dinâmico. Ou seja, quer um «aqui e agora» de Nacht, quer um «analista sem memória nem desejo» de Bion, a que se junta a história «arqueológica» do material, na formulação de Freud.

Mas Klauber vai um pouco mais longe: os sintomas psiconeuróticos são versões condensadas e exacerbadas dos conflitos latentes no carácter, pelo que, ao formar-se a neurose de transferência, o paciente mais do que reproduzir uma segunda e mitigada versão dos seus sintomas vai, em fenómeno mais profundo, demonstrar sob forma neurótica as atitudes de carácter subjacentes ao sintoma. Pode-se, pois, dizer que, no acme da transferência, cada doente repete, em cada sessão, parte de toda a sua história.

Mas, do material que nos é fornecido por Khan no seu artigo, é impossível aplicar esta sistematização pelo que mais não podemos que especular quanto ao desenlace deste processo terapêutico.

Mas não erramos se dissermos que, uma vez transmitida aos restantes interessados a sua posição dominante, Sua Senhoria bem podia dispensar uma gravidez indesejada...